

PERCEPÇÃO, APRENDIZAGEM E INCLUSÃO: LIÇÕES DE TEMPLE GRANDIN EM O CÉREBRO AUTISTA

DOI: 10.5281/zenodo.17479612

Nathalie Tenório de Barros Farias¹

RESUMO

O artigo investiga a obra *O Cérebro Autista*, de Temple Grandin, abordando suas reflexões sobre percepção, aprendizagem e inclusão. A autora, referência internacional nos estudos do autismo, une experiência pessoal e pesquisa científica para propor uma visão que valoriza as potencialidades das pessoas no espectro. Por meio de exames neurológicos, Grandin identificou diferenças em áreas do cérebro relacionadas à linguagem, memória e percepção visual, confirmando seu modo de pensar em imagens. O texto também discute sua contribuição para a educação inclusiva, ao destacar a existência de diferentes estilos de pensamento e a importância de métodos pedagógicos que respeitem a diversidade cognitiva. Conclui-se que a obra de Grandin amplia a compreensão sobre o autismo e inspira práticas educativas mais sensíveis às singularidades dos aprendizes.

Palavras-chave: Autismo. Inclusão. Aprendizagem. Neurodiversidade. Temple Grandin.

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

ABSTRACT

The article examines Temple Grandin's *The Autistic Brain*, focusing on her reflections about perception, learning, and inclusion. An international reference in autism studies, Grandin combines personal experience and scientific research to highlight the potential of people on the spectrum. Through neurological examinations, she identified differences in brain areas related to language, memory, and visual perception, confirming her visual thinking style. The text also discusses her contribution to inclusive education by emphasizing diverse thinking styles and the importance of teaching methods that respect cognitive diversity. It concludes that Grandin's work broadens the understanding of autism and inspires more inclusive educational practices.

Keywords: Autism. Inclusion. Learning. Neurodiversity. Temple Grandin.

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o autismo tem se tornado um tema de crescente interesse na comunidade científica e educacional, impulsionado tanto pelo aumento de diagnósticos quanto pela necessidade de ampliar as práticas inclusivas nas escolas. Estudos em neurociência e psicologia apontam que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) envolve modos diferenciados de funcionamento cerebral e de percepção sensorial, aspectos que impactam diretamente a forma como os sujeitos aprendem, interagem e constroem conhecimento (LIMA, 1995; VIEIRA & SILVA, 1992). A discussão em torno da aprendizagem de pessoas autistas ainda apresenta desafios, sobretudo no que se refere ao preparo docente, à adequação metodológica e

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

ao combate aos estigmas sociais que marcam a trajetória escolar desses indivíduos.

Nesse contexto, o livro *O Cérebro Autista*, de Temple Grandin em coautoria com Richard Panek, apresenta contribuições relevantes ao oferecer uma visão que alia descobertas científicas sobre a neurobiologia do autismo à experiência de vida da própria autora. A obra destaca como as diferenças na percepção — visuais, auditivas, táteis ou emocionais — interferem na aprendizagem, indicando a necessidade de práticas pedagógicas que respeitem as singularidades cognitivas. Ao mesmo tempo, chama atenção para o potencial criativo e intelectual de pessoas autistas, quando inseridas em contextos educacionais que compreendem e valorizam sua forma particular de perceber o mundo (VIEIRA, SILVA & BORGES, 1995).

O problema central que orienta esta pesquisa consiste em compreender como os conhecimentos apresentados por Temple Grandin podem contribuir para repensar práticas pedagógicas, favorecendo a aprendizagem e a inclusão de estudantes autistas. Diante disso, a pergunta norteadora que guia este estudo é: “Como as diferenças de percepção descritas por Temple Grandin em *O Cérebro Autista* influenciam o processo de aprendizagem e quais implicações trazem para o ensino inclusivo?”.

Dessa forma, o objetivo deste artigo é analisar as principais contribuições de *O Cérebro Autista* para a compreensão das relações entre percepção, aprendizagem e ensino, discutindo seus impactos para a educação inclusiva. Como justificativa, ressalta-se que o estudo do tema é socialmente relevante, pois possibilita ampliar o diálogo entre neurociência e pedagogia,

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

forneendo subsídios para práticas docentes mais eficazes, sensíveis e transformadoras. Teoricamente, a pesquisa contribui para a valorização de abordagens que reconheçam a diversidade neurológica como parte constitutiva do processo educativo.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa se deu através de um estudo de caráter qualitativo e bibliográfico, realizado por meio da leitura e da análise crítica da obra *O Cérebro Autista*, de Temple Grandin (GRANDIN, 2014). O desenvolvimento do trabalho ocorreu a partir da identificação, na obra, de conceitos centrais relacionados à percepção, à aprendizagem e à inclusão educacional de pessoas autistas.

Para ampliar a compreensão do tema, foram consultados artigos científicos, livros complementares e publicações em revistas acadêmicas, que ofereceram respaldo teórico e auxiliaram no processo de análise (GIL, 2019; SCHWARTZMAN, 2011; SILVA, 2017). A seleção do material foi pautada pela relevância, atualidade e pertinência das discussões acerca do autismo e da educação inclusiva (SOUZA & PEREIRA, 2020).

Os dados coletados foram examinados de forma interpretativa, buscando estabelecer conexões entre os relatos e descobertas apresentados por Temple Grandin (GRANDIN, 2014) e os aportes da literatura científica (BOGDAN & BIKLEN, 1994). Dessa forma, a metodologia empregada possibilitou a construção de reflexões fundamentadas, capazes de responder à questão

norteadora da pesquisa e de destacar a contribuição da obra para o campo educacional.

2.1 A Visão de Temple Grandin Sobre o Cérebro Autista

Temple Grandin é reconhecida internacionalmente como uma das vozes mais influentes no campo dos estudos sobre o espectro autista. Diagnosticada ainda na infância, em um período em que pouco se falava sobre autismo, ela enfrentou inúmeros desafios para se adaptar ao ambiente escolar e social. No entanto, essas dificuldades se transformaram em combustível para a construção de uma trajetória acadêmica e científica de grande relevância. Hoje, Grandin é doutora em ciência animal, professora universitária e autora de diversos livros que discutem tanto sua área de atuação quanto sua experiência pessoal como mulher autista.

Na obra *O Cérebro Autista*, Grandin (2014) oferece uma perspectiva singular ao combinar sua vivência pessoal com resultados de pesquisas científicas. Diferente de análises exclusivamente clínicas, sua narrativa parte do olhar de alguém que vive o espectro, mas que também investiga suas próprias particularidades por meio de estudos acadêmicos. Nesse sentido, a autora apresenta um posicionamento crítico diante das pesquisas, questionando interpretações reducionistas do autismo e propondo que a condição seja vista sob uma ótica de potencialidades e não apenas de limitações (SILVA, 2017).

Uma das contribuições centrais da obra está no relato dos exames neurológicos realizados pela própria autora. Ao se submeter a ressonâncias magnéticas e outros procedimentos, Grandin buscou compreender o

funcionamento de seu cérebro e identificar em quais aspectos se diferenciava do padrão considerado típico.

Esses exames revelaram reorganizações nas áreas relacionadas à linguagem, à memória e à percepção visual, confirmando sua autodefinição como uma “pensadora em imagens” (GRANDIN, 2014; SCHWARTZMAN, 2011). Essa postura investigativa demonstra o comprometimento da autora em aliar experiência de vida com ciência, ampliando o entendimento do espectro.

Além de estudar seu próprio caso, Grandin também se dedicou a pesquisas voltadas à aprendizagem de crianças com autismo. Em suas análises, destaca que estudantes no espectro apresentam estilos de pensamento variados, como a predominância da linguagem visual, a organização por padrões ou a preferência pelo pensamento verbal.

Essa classificação não apenas evidencia a diversidade cognitiva, mas também reforça a necessidade de práticas pedagógicas adaptadas a esses diferentes estilos de aprendizagem (CARVALHO et al., 2010; SOUZA & PEREIRA, 2020). Ao relacionar suas descobertas com a educação, Grandin aponta caminhos para que professores e pesquisadores possam compreender a singularidade do aluno autista e promover estratégias que favoreçam seu desenvolvimento.

Assim, O Cérebro Autista não se limita a uma obra autobiográfica ou científica isolada, mas constitui um ponto de encontro entre vivência pessoal, pesquisa e reflexão crítica. Temple Grandin apresenta um testemunho que desafia paradigmas clínicos tradicionais, ao mesmo tempo em que abre

possibilidades para novas abordagens na educação inclusiva, reconhecendo o autismo como parte da diversidade humana.

2.2. Modos de Aprendizagem: Palavras, Imagens e Padrões

De acordo com investigações e relatos de Grandin, os indivíduos autistas podem adquirir conhecimento de diversas maneiras, sendo comum a facilidade em processar informações por meio da escrita, imagens ou padrões repetitivos (GRANDIN, 2014). A autora ressalta que pensa “em imagens”, um recurso que a ajudou em sua trajetória educacional e profissional, reforçando a necessidade de reconhecer e incentivar a diversidade cognitiva. Essas observações estão conectadas a estudos na educação inclusiva, os quais enfatizam a relevância de metodologias visuais e multisensoriais para aprimorar o aprendizado de estudantes no espectro (SOUZA e PEREIRA, 2020).

O envolvimento de Temple Grandin com a pesquisa sobre autismo e a compreensão da mente vai além de sua vivência pessoal. Desde nova, impulsionada pelas dificuldades que encontrava em escolas convencionais, ela procurou métodos alternativos para aprender e explicar como seu pensamento era organizado. Esse caminho permitiu que realizasse suas próprias investigações e colaborasse com cientistas, ajudando a expandir a compreensão do espectro autista através da neurociência e educação (GRANDIN, 2014; SCHWARTZMAN, 2011).

Pesquisadores que analisaram seu caso perceberam que o pensamento visual de Grandin não era uma característica isolada, mas um traço comum entre

muitos autistas. Essa descoberta facilitou o progresso na identificação de estilos cognitivos mais prevalentes, como pensadores visuais, verbais ou sistemáticos, categorias que começaram a ser examinadas em investigações sobre diversidade neurológica (SILVA, 2017).

Nesse contexto, suas descobertas não apenas ampliaram a compreensão dos processos de aprendizado de pessoas no espectro, mas também inspiraram novas estratégias pedagógicas que valorizam as diversas maneiras de pensar e aprender.

A autora enfatiza que pensa “em imagens”, recurso que a auxiliou tanto em sua vida acadêmica quanto profissional, o que reforça a ideia de que a diversidade cognitiva deve ser valorizada e estimulada. Esses apontamentos dialogam com investigações na área da educação inclusiva, que destacam a importância de metodologias visuais e multisensoriais para potencializar o ensino de estudantes no espectro (SOUZA & PEREIRA, 2020).

3. A ESCOLA E A SALA DE AULA COMO ESPAÇOS DE INCLUSÃO PARA ESTUDANTES AUTISTAS

A obra de Temple Grandin oferece contribuições importantes para reconsiderar a escola como um ambiente de inclusão e apreciação da diversidade. Ao descrever sua própria jornada e as investigações que conduziu, a autora sublinha que a educação é um dos principais instrumentos para desenvolver habilidades e reduzir as dificuldades enfrentadas por indivíduos no espectro autista (GRANDIN, 2014).

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

Nesse contexto, a sala de aula não deve ser considerada apenas como um local para a transmissão de informações, mas sim como um ambiente onde as particularidades cognitivas podem ser respeitadas e convertidas em oportunidades de aprendizado.

Nos comentários de Grandin, destaca-se a relevância da utilização de recursos visuais e concretos, da previsibilidade das rotinas escolares e da adaptação das abordagens pedagógicas às necessidades individuais de cada aluno. Essas diretrizes estão alinhadas com estudos recentes que sustentam que a flexibilidade nas metodologias e a variedade de materiais didáticos são fundamentais para a inclusão eficaz (SOUZA e PEREIRA, 2020; SILVA, 2017). Ao reconhecer que determinados alunos têm um desempenho superior quando utilizam imagens, enquanto outros se beneficiam da leitura ou da identificação de padrões, o educador pode desenvolver métodos mais eficientes e inclusivos.

Além disso, Grandin (2014) argumenta que a escola deve incentivar os interesses particulares dos alunos autistas, utilizando-os como base para o processo de aprendizagem. O que frequentemente é considerado uma "obsessão" pode, na verdade, ser um recurso educacional muito eficaz quando combinado ao currículo e às atividades em sala de aula. Essa visão desafia a noção de homogeneidade nas escolas e destaca a diversidade como um aspecto fundamental do processo de aprendizado.

Assim sendo, a sala de aula, conforme a visão exposta por Temple Grandin, deve ser um ambiente que acolhe, reconhece e incentiva as diversidades. O desafio vai além de simplesmente acomodar o aluno autista fisicamente na

escola; trata-se de implementar práticas que considerem seu jeito único de pensar e aprender, apoiando tanto seu crescimento acadêmico quanto social.

4. AUTISMO, GENÉTICA E NEUROCIÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO

Os estudos relatados por Temple Grandin em *O Cérebro Autista* oferecem uma compreensão detalhada sobre como a genética e o funcionamento cerebral influenciam os processos de aprendizagem de pessoas no espectro autista. Entre os aspectos abordados, destaca-se a investigação sobre o gene DRD4, associado à regulação da dopamina, substância fundamental para a motivação, atenção e controle comportamental (GRANDIN, 2009). A autora apresenta reflexões que conectam tais descobertas ao cotidiano educacional, ressaltando como variações genéticas podem impactar a forma como o aluno autista reage a estímulos escolares e desenvolve sua capacidade de concentração.

Outro ponto relevante são as análises neurológicas a que a própria Grandin se submeteu, revelando padrões distintos de funcionamento cerebral. Exames de neuroimagem mostraram diferenças significativas em áreas como o lobo frontal e o lobo temporal, regiões relacionadas ao planejamento, à organização de informações e à interpretação de estímulos sociais (GRANDIN; PANEK, 2014). Essa autoexploração, feita pela autora em diálogo com pesquisadores, enriquece o debate sobre a singularidade neurológica do autismo e mostra como a ciência pode contribuir para práticas pedagógicas mais ajustadas às necessidades desses estudantes.

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

A análise das funções cerebrais reforça a ideia de que não existe um único perfil cognitivo para pessoas autistas. Em vez disso, há uma diversidade de modos de pensar, perceber e aprender, que podem ser explorados de maneira positiva no ambiente escolar. Ao relacionar genética e neurociência, Grandin sugere que compreender essas particularidades não deve servir para rotular os alunos, mas para criar estratégias pedagógicas que favoreçam a aprendizagem individualizada (HAPPÉ; FRITH, 2020).

Nesse sentido, as descobertas apresentadas por Grandin podem ser aplicadas diretamente na organização da sala de aula. Alunos com predisposição genética para dificuldades de atenção, por exemplo, podem se beneficiar de ambientes mais estruturados, com rotinas claras e objetivos visuais que os ajudem a organizar o pensamento. Já aqueles que demonstram maior habilidade em reconhecer padrões ou imagens podem ser estimulados com recursos visuais, esquemas gráficos e tecnologias digitais que dialoguem com seu estilo de aprendizagem (SCHWARTZMAN, 2019).

Além disso, o conhecimento sobre os lobos cerebrais e suas funções permite ao educador pensar em estratégias que estimulem diferentes áreas cognitivas. Atividades que envolvam tanto a linguagem verbal quanto a visual podem auxiliar no desenvolvimento equilibrado das habilidades. O professor, munido dessas informações, torna-se capaz de adotar uma postura mais sensível às diferenças neurológicas, propondo metodologias que valorizem a diversidade e promovam uma inclusão real e eficaz no espaço escolar (GRANDIN, 2009).

4.1. Experiências de Temple Grandin e a Aplicação da Neurociência na Educação Inclusiva

Temple Grandin, em *O Cérebro Autista*, compartilha de forma única suas experiências pessoais como indivíduo autista, relacionando-as aos avanços da neurociência e da genética. A autora evidencia como diferenças no processamento cerebral e predisposições genéticas podem afetar a forma de perceber o mundo, aprender e se concentrar. Ao relatar suas próprias estratégias de aprendizagem, Grandin mostra que cada pessoa no espectro possui características cognitivas singulares, reforçando a necessidade de práticas pedagógicas individualizadas (GRANDIN, 2009).

A obra destaca a importância de identificar talentos e desafios individuais para otimizar o aprendizado. Grandin descreve, por exemplo, sua facilidade em pensar visualmente e reconhecer padrões, sugerindo que habilidades desse tipo podem ser aproveitadas na educação por meio de esquemas, imagens e recursos visuais. Essa abordagem demonstra que compreender a singularidade neurológica do aluno é uma ferramenta prática, capaz de tornar o ensino mais acessível e inclusivo (GRANDIN; PANEK, 2014).

Além disso, Temple Grandin observa como ambientes estruturados e previsíveis impactam positivamente seu desempenho. Ela relata que a organização do espaço e a clareza nas instruções ajudam a reduzir sobrecarga sensorial e aumentam a atenção, mostrando que o planejamento do ambiente escolar pode se adaptar às necessidades específicas de estudantes autistas. Essa integração entre ciência e experiência pessoal oferece orientações concretas para a prática pedagógica (GRANDIN, 2009).

Por fim, a obra evidencia que a combinação de conhecimento científico e vivência individual é essencial para a inclusão educacional. Grandin demonstra que ao considerar as diferenças cerebrais e genéticas, o professor pode desenvolver métodos de ensino que valorizem a diversidade cognitiva, promovam habilidades únicas e garantam um aprendizado mais eficaz. Assim, O Cérebro Autista serve como um guia para transformar informações sobre neurociência em estratégias aplicáveis no cotidiano escolar (HAPPÉ; FRITH, 2020; GRANDIN, 2009).

4.2. Autismo, Criatividade e Resolução de Problemas: Lições da Experiência de Temple Grandin

Em O Cérebro Autista, Temple Grandin demonstra que muitas pessoas no espectro autista possuem formas únicas de pensar, frequentemente caracterizadas por criatividade e habilidades para resolução de problemas. Ela relata como seu próprio cérebro visual permite imaginar cenários complexos e analisar situações de múltiplas perspectivas, uma característica que pode ser altamente produtiva em contextos educacionais e profissionais (GRANDIN, 2009).

Grandin enfatiza que essas habilidades podem ser desenvolvidas e estimuladas em sala de aula por meio de atividades que valorizem a prática, a experimentação e o pensamento lógico. Por exemplo, exercícios que envolvam construção de modelos, resolução de problemas práticos ou análise de padrões permitem que alunos autistas utilizem suas capacidades de forma concreta, fortalecendo a confiança e a autonomia no aprendizado (GRANDIN; PANEK, 2014).

A autora também ressalta que, apesar das dificuldades sociais e de comunicação, o pensamento detalhista e a capacidade de concentrar-se profundamente em tarefas específicas representam um potencial significativo para inovação. Professores podem criar oportunidades para que esses talentos se expressem, promovendo projetos individuais ou em pequenos grupos que estimulem a criatividade, a análise crítica e a solução de problemas complexos (GRANDIN, 2009).

Por fim, Temple Grandin evidencia que reconhecer e valorizar a singularidade cognitiva não apenas beneficia o desenvolvimento acadêmico, mas também contribui para a autoestima e a motivação dos alunos. A abordagem pedagógica inspirada em sua experiência sugere que educadores devem buscar formas de integrar as habilidades únicas de cada estudante, transformando desafios em oportunidades de aprendizagem criativa e prática, e promovendo um ambiente educacional inclusivo e estimulante (HAPPÉ; FRITH, 2020; GRANDIN, 2009).

5. FERRAMENTAS E ESTRATÉGIAS PRÁTICAS PARA PEDAGOGOS

Em *O Cérebro Autista*, Grandin (2013) apresenta estratégias que auxiliam pedagogos a compreender as diferentes formas de aprendizado de alunos com autismo. A autora destaca a importância de recursos visuais, como esquemas, quadros e diagramas, que ajudam na organização e memorização das informações. Além disso, enfatiza que ambientes estruturados, com rotinas previsíveis e espaços adaptados, podem reduzir sobrecarga sensorial e aumentar a concentração, favorecendo a participação efetiva do aluno nas atividades diárias da sala de aula (GRANDIN, 2013).

Grandin (2013) também recomenda práticas que valorizam as habilidades individuais dos alunos, como atenção a detalhes, memória visual ou aptidões manuais. Pedagogos podem explorar essas potencialidades em atividades práticas, como trabalhos de arte, experiências experimentais ou construção de mapas conceituais, promovendo engajamento e aprendizagem significativa. Atividades em pequenos grupos ou duplas podem ser planejadas para desenvolver socialização e cooperação, respeitando o ritmo e a sensibilidade de cada estudante, sem gerar ansiedade ou frustração (GRANDIN, 2013).

Além disso, a autora evidencia a importância da observação e da adaptação pedagógica contínua. Ferramentas de acompanhamento, como registros de desempenho, checklists de progresso e avaliações personalizadas, permitem ao pedagogo ajustar estratégias de ensino conforme as necessidades de cada aluno. A obra demonstra que integrar conhecimentos da neurociência à prática educativa possibilita experiências de aprendizagem inclusivas, que respeitam a diversidade neurológica e promovem o desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos estudantes (GRANDIN, 2013).

6. CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *O Cérebro Autista*, escrita por Temple Grandin, é um recurso valioso para entender o autismo por meio de uma combinação de experiências pessoais e dados científicos. O livro demonstra de que maneira fatores hereditários, como o gene DRD4, e as particularidades do funcionamento do cérebro afetam a percepção, o raciocínio e a aprendizagem das pessoas no espectro autista. Ao compartilhar suas vivências e diagnósticos neurológicos,

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

Grandin apresenta um relato que valida diversas maneiras de pensar e de aprender, desafiando visões convencionais que restringem o autismo a meras dificuldades.

No âmbito escolar, as revelações feitas pela autora sublinham a importância de levar em conta a diversidade neurológica e cognitiva para incentivar abordagens pedagógicas inclusivas. A apreciação dos jeitos de aprender — seja por meio de imagens, padrões ou escrita — possibilita que educadores adaptem suas metodologias, estabeleçam rotinas que possam ser antecipadas e explorem interesses específicos dos alunos, transformando suas particularidades em oportunidades de crescimento.

Ademais, Grandin destaca a relevância da interação entre ciência e educação. Informações sobre genética, neurociência e modos de pensar não devem ser encaradas como teorias distantes, mas sim como ferramentas valiosas que podem direcionar práticas pedagógicas mais eficientes e humanizadas. O reconhecimento das particularidades, combinado com estratégias educativas adequadas, favorece uma aprendizagem significativa e uma verdadeira inclusão de estudantes autistas no ambiente escolar.

Assim, esta análise reforça a importância da obra de Temple Grandin na promoção da educação inclusiva, demonstrando que entender o cérebro autista é essencial para valorizar e incentivar as capacidades de cada aluno. Suas ideias vão além do teórico, apresentando orientações práticas que têm o potencial de revolucionar a prática educacional, criando ambientes de ensino mais acolhedores, eficazes e justos.

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GRANDIN, Temple. O cérebro autista: pensando através do espectro. 1. ed. São Paulo: Record, 2009.

GRANDIN, Temple. O cérebro autista: pensando através do espectro. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

GRANDIN, Temple; PANEK, Richard. O cérebro autista: histórias de dentro do espectro. Rio de Janeiro: Record, 2014.

HAPPÉ, Francesca; FRITH, Uta. Autism: a new introduction to psychological theory and current debate. 2. ed. London: Routledge, 2020.

SCHWARTZMAN, José Salomão. Transtorno do espectro autista: teoria e intervenção. São Paulo: Memnon, 2019.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. Mentres únicas: novas perspectivas sobre o autismo. 2. ed. São Paulo: Principium, 2017.

SOUZA, Maria C.; PEREIRA, João L. Estratégias pedagógicas inclusivas para estudantes com transtorno do espectro autista. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v. 26, n. 4, p. 639-654, 2020.

¹ Pedagoga, pós-graduada em educação bilíngue; especialista em psicopedagogia.